

Locuções no universo lexical pantaneiro: em busca de marcas de idiomaticidade

Locutions in the pantaneiro lexical universe: looking for idiomatic brands

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5iEspecial2.27076>

Elizabete Aparecida Marques

Possui Graduação em Letras, Habilitação em Português e Espanhol (1991), e Mestrado em Estudos Linguísticos (2001) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de São José do Rio Preto, São Paulo. É Doutora em Linguística Aplicada pela Universidad de Alcalá de Henares (Espanha, 2007) e realizou Estágio Pós-Doutoral em Fraseologia pela Université Paris 13 (França, 2013), tendo atuado no Laboratório LDI (Lexiques, Dictionnaires, Informatique). Atualmente é professora Associada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, onde atua como docente e pesquisadora no Curso de Letras e nos Programas de Mestrado em Estudos de Linguagens e Mestrado e Doutorado em Letras. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Espanhola, atuando principalmente nos seguintes temas: fraseologia, fraseologia cognitivo-contrastiva, fraseografia e ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras (espanhol). Atual coordenadora do Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Estudos de Linguagens e vice coordenadora do Grupo de Trabalho em Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia (GTLEX) da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Linguística e Letras (ANPOLL).

E-mail: emarmques@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6308-9597>

Aparecida Negri Isquierdo

Doutora em Letras (Linguística e Língua Portuguesa) pela UNESP/Araraquara (1996). É docente aposentada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; foi professora visitante (PV/CNPq) no Programa de Mestrado e Doutorado em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Londrina (2005/2006) e na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PV/UFMS), Programa de Mestrado em Estudos de Linguagens (2007/2009)/CCHS e no Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado/Doutorado)/CPTL (2014/2016). Atualmente é docente permanente na Pós-Graduação stricto sensu da UFMS: Estudos de Linguagens/CCHS (Mestrado) e Letras/CPTL (Mestrado e Doutorado), atuando, nos dois programas, na pesquisa, na docência e na orientação. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Lexicologia, Lexicografia, Onomástica e Dialectologia/Geolinguística, especialmente nos seguintes temas: léxico, toponímia, atlas toponímico e atlas linguístico. As suas investigações centram-se nos estudos do léxico, em especial o léxico regional e o léxico toponímico, buscando a interface entre Lexicologia/Lexicografia e Dialectologia. É Diretora Científica no âmbito do Comitê Nacional de coordenação do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (AliB) e Coordenadora do projeto Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso do Sul - ATEMS. Bolsista Produtividade 1D/CNPq.

E-mail: aparecida.isquierdo@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1129-5775>

RESUMO

Tomando como parâmetro a concepção de fraseologia como sequências polilexicais com relativa estabilidade sintática e semântica (locuções, expressões idiomáticas, frases feitas), este trabalho discute um recorte de locuções que se reportam ao universo lexical pantaneiro (bioma brasileiro), extraído de obras de referência que integram o acervo de dados do *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português* (<http://ilg.usc.es/Tesouro/pt/>), mais especificamente as obras produzidas no Brasil por Nogueira (1989; 2002) e Brandão (2001). Considerando que os fraseologismos muitas vezes têm empregos típicos e descrevem o contexto no qual são usados, podendo ter características idiomáticas e conter conotações e funções distintas, neste trabalho, busca-se estabelecer relações entre aspectos culturais pantaneiros e o conteúdo semântico da amostra de locuções examinada. Para tanto, pauta-se, fundamentalmente, em Casares (1992 [1950]), Zuluaga (1980), Corpas Pastor (1996), Ruiz Gurillo (1997; 2001), García-Page (2008), além de fontes sobre o universo pantaneiro e de obras gramaticais e lexicográficas. A amostra analisada reuniu 17 locuções (oito substantivas; seis verbais e três adjetivas) que evidenciam os seguintes aspectos do universo pantaneiro: a) associação entre animais ou partes da anatomia dos animais e os objetos de uso diário ou meios de transporte; b) associação entre comportamento animal e o próprio animal; c) associação entre flora e objetos ou ações e d) associações com o folclore popular.

Palavras-chave: Locução. Pantanal. Fauna. Flora. Folclore popular.

ABSTRACT

Taking as a parameter the assumption that phraseology, polilexical sequences with relative syntactic and semantic stability (locutions, idioms, phrases) often have typical usages and describe the context in which they are used, which may have idiomatic features and contain distinct connotations and functions, this work discusses a clipping of locutions that refer to the Pantanal lexical universe (Brazilian biome), extracted from reference works that integrate the data collection of the Galician and Portuguese Patrimonial Lexicon Treasury (<http://ilg.usc.es/Tesouro/pt/>), more specifically the works produced in Brazil by Nogueira (1989; 2002) and Brandão (2001), seeking to establish relations between Pantanal cultural aspects reflected in the portion of locutions examined. For this purpose, it is mainly based on Casares (1992 [1950]); Zuluaga (1980); Corpas Pastor (1996); Ruiz Gurillo (1997;

2001); García-Page (2008), as well as works on the pantaneiro universe and grammatical and lexicographic works. The analyzed sample included 17 locutions (eight nominal, six verbal and three adjectives) and identified locutions that show the following aspects of the pantaneiro universe: a) association between animals or parts of the anatomy of animals and objects of daily use or means of transportation; b) association between animal behavior and the animal itself; c) association between flora and objects or actions and d) associations with popular folklore.

Keywords: Locution. Pantanal. Fauna. Flora. popular folklore.

Introdução

Como todo léxico regional o vocabulário do homem pantaneiro reúne uma diversidade de unidades lexicais que traduzem a maneira de pensar e de agir desse grupo humano. Vivendo num mundo comandado pela natureza, o habitante do Pantanal tem perpetuado maneiras muito peculiares de nomear o mundo que o circunda, considerando-se que o bioma Pantanal reúne características geomorfológicas, fisiográficas, hidrográficas e antropológicas muito particulares. Trata-se de uma imensa planície sedimentar que se alaga periodicamente quando os rios enchem e transbordam as suas águas pelas baixadas, transformando a planície num mar de água doce: o Pantanal, região onde tudo depende das águas, como bem esclarece Costa (1999, p. 20):

Sabe-se que o Pantanal é um dos ecossistemas mais significativos do planeta. Formando um dos maiores sistemas de áreas alagáveis contínuas da América Meridional, o sistema pantaneiro tem suas nascentes em terras brasileiras e estende-se, numa “fronteira viva”, pela região do Chaco paraguaio-boliviano. Suas águas pertencem à bacia do Alto rio Paraguai, que é tributária da imensa bacia do Prata, sendo o Paraguai o seu principal rio formador. O atual estado de Mato Grosso guarda as nascentes de alguns dos seus rios, dentre estas a do rio Paraguai, bem como parte da grande planície inundável. No entanto, é no Mato Grosso do Sul que os seus rios se espriam mais extensamente, adentrando as terras paraguaias e bolivianas.

Importante registrar, no entanto, que o Pantanal não é sinônimo de pântano, mas sim “uma vasta região geográfica, de fisionomia singular, cujo relevo, vegetação e economia resultam de atividades fluviais. Vale dizer que é um mundo singularmente aquático” (COSTA, 1999, p. 20).

Essa lendária região inicialmente foi tomada por conquistadores espanhóis no século XVII como uma grande lagoa, o que motivou a sua primeira denominação: *Laguna de los Xarayes*. Esse topônimo aparece representado em mapas espanhóis na primeira metade desse mesmo século e é fruto de uma “imagem criada e multiplicada pelos conquistadores espanhóis” (COSTA, 1999, p. 19). Todavia, essa imagem mítica acaba dando lugar a outro olhar para o mesmo espaço e “no horizonte histórico [...] o Pantanal aparece como uma invenção luso-brasileira tendo origem em meados do século XVIII” (COSTA, 1999, p. 19), denominação tributada aos monçoeiros portugueses que adentraram a região por meio das rotas abertas pelos bandeirantes paulistas.

Em síntese, o Pantanal, para além de ser caracterizado por uma paisagem natural *sui generis* com uma hidrografia, geomorfologia, flora e fauna que lhe são características, é cenário de mitos – seres fantásticos e sobrenaturais – que povoam o imaginário popular. Esses mitos “surgem frequentemente aos homens, ora para atemorizá-los, ora para puni-los pelas faltas, ora para preveni-los de algum

acontecimento, aparecendo ainda nas rodas de conversas para entretê-los e fazê-los refletir sobre sua existência no mundo” (BANDUCCI JÚNIOR, 2007, p. 9).

Este trabalho¹ tem como propósito discutir um recorte de locuções do universo lexical pantaneiro, com o intuito de verificar em que proporção elas evidenciam aspectos físicos e culturais do bioma Pantanal, traduzindo graus de idiomaticidade que representam a cosmovisão do homem pantaneiro. Para tanto, parte-se de uma análise documental de obras de referência que integram o projeto *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português*, produzidas na região Centro-Oeste do Brasil, as quais constituem a fonte de dados desta pesquisa. As locuções analisadas foram levantadas aleatoriamente de três obras que versam sobre o Pantanal e que integram o *corpus* do Tesouro cobrindo a área geográfica da mesorregião do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) *Pantanais Mato-grossenses*² (código geográfico do IBGE: 5001): *Glossário Pantaneiro* (CORRÊA, 2001); *A linguagem do homem pantaneiro* (NOGUEIRA, 1989) e *Pantanal, homem e cultura* (NOGUEIRA, 2002)³.

1. Sobre o conceito de locução

Ao longo dos seis capítulos dedicados à locução, à frase proverbial, ao provérbio e ao modismo, incluídos na terceira parte do livro *Introducción a la lexicografía moderna*, Casares (1992 [1950]) começa a sistematizar as unidades fraseológicas que, até então, haviam recebido um tratamento lexicográfico heterogêneo e alguns comentários gramaticais não muito estruturados.

Sem dúvida, a classe das locuções é a mais sistematizada e a que despertou maior interesse entre os pesquisadores que seguiram as ideias de Casares. O conceito de locução difundido por esse acadêmico da língua espanhola compreende uma definição, amplamente conhecida, que segue ainda vigente na fraseologia espanhola atual. Para Casares (1992 [1950], p.170), a locução é uma “combinación estable de dos o más términos, que funciona como elemento oracional y cuyo sentido

¹ Uma versão preliminar deste estudo foi apresentada por Marques (2016), no IV Congresso Internacional de Fraseologia e Paremiologia e III Congresso Brasileiro de Fraseologia, realizado de 21 a 25 de março de 2016, no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE/Unesp), *campus* de São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil.

² As nomeações e as divisões do Pantanal variam segundo o autor e os critérios adotados. Neste trabalho, adotou-se a classificação de Silva e Abdon (1998, p. 1705) que dividem o bioma Pantanal em onze sub-regiões, três delas – *Cáceres*, *Poconé*, *Barão do Melgaço* – localizadas no estado de Mato Grosso e oito – *Paraguai*, *Paiaguás*, *Nhecolândia*, *Abobral*, *Aquidauana*, *Miranda*, *Nabileque* e *Porto Murtinho* – pertencentes ao território de Mato Grosso do Sul. Esses autores adotam como critérios de caracterização dos pantanais os aspectos relativos à inundação, ao relevo, ao solo e à vegetação.

³ Dessas obras, o *Glossário Pantaneiro* (CORRÊA, 2001) já foi incorporado ao banco de dados do Tesouro, enquanto a tese *A linguagem do homem pantaneiro* (NOGUEIRA, 1989) e o livro *Pantanal, homem e cultura* (NOGUEIRA, 2002) estão em fase de revisão final.

unitario consabido no se justifica, sin más, como una suma del significado normal de los componentes”.

Pela definição, é possível depreender que Casares se fundamenta em critérios formais, funcionais e semânticos para delimitar o conceito de locução, indicando a polilexicalidade mediante a co-ocorrência dos elementos constituintes, a função morfossintática desempenhada na oração e o significado fraseológico, nem sempre deduzível a partir da soma do significado dos itens lexicais componentes da combinatória estável. Na concepção casariana, o significado de uma locução procede, em grande medida, do conhecimento linguístico compartilhado pelos falantes de uma determinada comunidade linguística.

A partir dessa definição de Casares (1992 [1950]), os estudos posteriores, sobretudo na Fraseologia espanhola, referendam a cristalização e a função sintática de tais unidades linguísticas. Assim, por exemplo, 30 anos depois da publicação da obra de Casares, o seu conceito de locução foi retomado por Zuluaga (1980, p. 141), que o considera como ponto de partida de seu trabalho. Examina de maneira pormenorizada a definição de Casares, considerando três características principais: a) o aspecto formal estrutural (combinação estável de duas ou mais palavras); b) o aspecto funcional que indica que a locução possui um valor gramatical de preposição ou conjunção ou um valor categorial de substantivo, verbo, adjetivo ou advérbio, e c) o aspecto semântico, que, segundo Zuluaga (1980, p. 54-57), “alude indudablemente a la idiomaticidad”.

Em uma obra dos anos 90 do século passado, ao classificar as unidades fraseológicas em três grandes grupos (colocações, locuções e enunciados fraseológicos), Corpas Pastor (1996) também define locução, considerando os aspectos básicos da definição de Casares, porém amplia a explicitação de suas características, à medida que concebe as locuções como “unidades fraseológicas del sistema de la lengua con los siguientes rasgos distintivos: fijación interna, unidad de significado y fijación externa pasemática”. Além disso, ressalta que “estas unidades no constituyen enunciados completos, y, generalmente, funcionan como elementos oracionales” (CORPAS PASTOR, 1996, p. 88). Também Ruiz Gurillo (2001, p. 26) aborda o conceito de locução, definindo-a fundamentalmente como “sintagmas fijos que en ciertos casos presentan idiomaticidad”. Recentemente, García-Page (2008), em uma perspectiva estrita da Fraseologia, examina o conceito e conclui que a locução é o objeto de estudo dessa disciplina por excelência.

Pode-se afirmar, pois, que na fraseologia espanhola moderna o conceito de locução não se distancia substancialmente da concepção de Casares, de maneira que é justo sustentar que a definição difundida por esse lexicógrafo ainda continua vigente e é utilizada em diversos trabalhos sobre esse tipo de unidade linguística.

No que se refere à taxonomia, embora haja algumas divergências quanto à classificação das locuções, tanto os primeiros autores que se ocuparam dessa categoria de fraseologismos como os fraseólogos e fraseógrafos atuais costumam distinguir as seguintes classes: locuções substantivas, adjetivas, verbais e adverbiais, que apresentam significado lexical, e também locuções prepositivas e conjuntivas, que se configuram como ferramentas gramaticais. Incluem-se, ainda, as locuções marcadoras e pronominais. No geral, essas propostas de classificação estão orientadas por critérios categoriais, funcionais, semânticos ou discursivos que permitem o agrupamento das locuções em uma ou outra classe.

2. A locução na fraseologia brasileira

Apesar de o estado de arte da Fraseologia no Brasil já reunir uma ampla e importante bibliografia sobre as unidades fraseológicas, ainda não há um consenso sobre o conceito de locução nos estudos fraseológicos brasileiros. Tradicionalmente, a locução é um termo da Gramática que se define, grosso modo, como a combinação de dois ou mais termos que, juntos, possuem a mesma função, geralmente, função gramatical (adjetiva, adverbial, conjuntiva, interjetiva, prepositiva, verbal). Nessa perspectiva, as diversas formas do verbo auxiliar com o infinitivo, gerúndio ou particípio de outro verbo são consideradas locuções verbais. Na fraseologia de língua portuguesa, expressão idiomática tem sido o termo mais usual para designar as locuções que possuem conteúdo semântico. Contudo, a noção de cristalização e de idiomatidade ainda está longe de ser comum, tanto do ponto de vista analítico e conceptual como terminológico⁴. Os autores portugueses de dicionários específicos de unidades fraseológicas, como, por exemplo, Santos (1990), utilizam a denominação *expressão idiomática* nos títulos de suas obras, embora, em notas sobre o uso dessas unidades, utilizem indistintamente os termos *expressão fixa*, *locuções* etc. Sem que se diga explicitamente, o termo *expressão idiomática* engloba, de fato, diversos tipos de unidades linguísticas, desde provérbios a interjeições, passando por locuções. Por exemplo, vinculadas à palavra-chave *gato*, Santos (1990, p. 194) apresenta unidades como *gato pingado* (“empregado de agência funerária que, por dever de ofício, acompanha os funerais”); *aqui há gato!* (“exclamação usada face a algo de misterioso que levanta suspeita, dúvida”); *de noite todos os gatos são pardos* (“na escuridão é impossível distinguir, reconhecer, identificar as coisas ou pessoas”); *comer/comprar gato por lebre* (“ser enganado, tomando como coisa boa o que na realidade não presta ou é inferior”), entre outras.

⁴ Essa questão é tratada de forma pormenorizada em Ranchhod (2003) e Vale (2002). A primeira autora, ao abordar o lugar das *expressões fixas* (termo usado pela autora) na gramática do português, discute os problemas conceituais e terminológicos relacionados ao assunto. O segundo, ao tratar das *expressões cristalizadas* (termo empregado pelo autor) do português brasileiro, oferece uma proposta de tipologia.

Nesse sentido, muitos dos trabalhos realizados no âmbito da fraseologia de língua portuguesa utilizam o termo *expressão idiomática* de forma imprecisa. De um lado, existem trabalhos que, sob essa denominação genérica, englobam todos os tipos de unidades fraseológicas (colocações, locuções e enunciados fraseológicos) sem se preocupar em delimitá-las mediante critérios classificatórios claros e bem definidos⁵. Por outro lado, existem autores que preferem utilizar o termo geral *fraseologismo* para se referir, indistintamente, a todos os tipos de unidades fraseológicas (colocações, locuções, parêmsias, fórmulas de rotina etc.) e optam pelo termo *expressão idiomática* para o que na fraseologia espanhola se denomina locução, mas com sentido figurado.

Além das divergências terminológicas e da ausência de critérios de análise consistentes, esse desacordo pode estar enraizado no fato de, historicamente, as unidades fraseológicas terem sido consideradas unidades linguísticas excepcionais, não integráveis na gramática da língua, por não estarem sujeitas às regras gerais. Bechara (2001, p. 603) chegou a incluir as *expressões idiomáticas* na seção “Anomalias da linguagem”, definindo-as como “idiotismo ou expressão idiomática é toda maneira de dizer que, não podendo ser analisada ou estando em choque como os princípios gerais da Gramática é aceita no falar culto”. E acrescenta: “são idiotismos de nossa língua a expressão *é que, o infinitivo flexionado*, a preposição em *o bom do pároco*, etc”.

Com relação às locuções, em gramáticas do português – CUNHA; CINTRA (1984); MATEUS *et al* (1994) –, os termos utilizados para designar essas combinações parecem depender mais da classe de palavras a que correspondem do que de seu comportamento linguístico. Utiliza-se *locução* para se referir às locuções adverbiais, prepositivas e conjuntivas. Para as adjetivas e substantivas, opta-se pelo termo *composto*. O termo *locução verbal* é utilizado para designar as sequências formadas por verbos auxiliares e verbos principais (em infinitivo, particípio e gerúndio), ou seja, para designar as perífrases verbais.

3. Metodologia e apresentação dos dados

As locuções analisadas neste trabalho, como já assinalado, foram selecionadas aleatoriamente de três obras de referência do projeto *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português* (Brasil), que

⁵ A falta de critérios claros e definidos se reflete em alguns trabalhos realizados no âmbito da fraseologia de língua portuguesa. Strehler (2003, p. 145), por exemplo, esclarece: “consideramos fraseologismo qualquer ocorrência consagrada pelo uso de duas ou mais unidades lexicais. Adotamos essa designação no intuito de evitar noções como *colocação, locução, expressão idiomática* ou outras, cujas definições não são universalmente aceitas”. Nota-se, pois, a ausência de precisão no estabelecimento das diferenças entre unidades fraseológicas ou fraseologismos e as subclasses dessas unidades.

versam sobre o Pantanal Sul-mato-grossense⁶. Das três obras pesquisadas, duas delas (NOGUEIRA, 1989; 2002) são frutos de projetos de pesquisa, realizados com base em metodologia científica de coleta dos dados. Já o *Glossário Pantaneiro* (CORRÊA, 2001), conforme informa o próprio autor na apresentação da obra, resultou de anotações do autor em situações de conversas informais com habitantes do Pantanal, durante suas viagens aos diversos pantanais como piloto de avião. Como filho de pantaneiro, tinha a curiosidade aguçada pelas particularidades do léxico do homem pantaneiro e, assim, sem a preocupação de seguir critérios metodológicos de pesquisa pré-estabelecidos, anotou as “curiosidades lexicais” não tendo, pois, como foco produzir um estudo científico do léxico da região, senão registrar o vocabulário do homem pantaneiro a partir de seu contato com a população local. Esse material foi organizado e publicado pela Editora da então UNIDERP – Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal. Trata-se, pois, de uma obra de valor documental acerca do léxico do homem pantaneiro sem comprometimento com a pesquisa científica.

Para este estudo, selecionaram-se 17 locuções, com base no critério de representação da visão de mundo do pantaneiro. Ou seja, a locução deve conter em sua significação elementos que remetem a aspectos do Pantanal. As locuções selecionadas foram submetidas a um *corpus* de controle composto por dicionários de língua geral (HOUAISS, 2001; AULETE 2014/online; MICHAELIS 2018/online), a fim de verificar a existência ou não de registro lexicográfico das locuções em exame. O recorte recaí, sobretudo, sobre as locuções significativas, ou seja, aquelas que possuem conteúdo semântico-lexical que, mediante critério morfológico, encontram-se, na sequência, distribuídas nos quadros 1, 2 e 3, de acordo com sua categoria: locuções substantivas, verbais e adjetivas, ordenadas alfabeticamente.

3.1 Locuções substantivas: equivalem ao nome e desempenham, portanto, as mesmas funções sintáticas que os substantivos.

Quadro 1 - Locuções substantivas.

Lema	Significado	Obra
Asa dura	Avião	Corrêa (2001)
Bicho do chão	Cobra	Corrêa (2001)
Bola pé	Travessia de rios, baías, vazantes e corixos	Corrêa (2001)
Canela de ema	Tipo de trança usada no afogador do laço	Corrêa (2001)

⁶ O projeto *Tesouro do Léxico Patrimonial Galego e Português (Brasil)* é composto por equipes das cinco regiões brasileiras. A equipe da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul é responsável, no âmbito desse projeto, pelo levantamento e seleção das obras de referência (livros, glossários, dissertações, teses) relativas aos três estados que integram o Centro-Oeste brasileiro. Após triagem das obras, que devem ter sido elaboradas com base em critérios, como delimitação da área geográfica de referência e pesquisa de campo, os dados são transpostos a uma planilha, conforme um protocolo de pesquisa comum a todas as equipes, para posterior análise.

Carne sentida	Carne rançosa	Corrêa (2001)
Carne verde	Carne fresca	Nogueira (1989)
Língua de cobra	Relho comum	Nogueira (2002)
Pé de amigo	Imobilização do cavalo	Nogueira (1989)

Fonte: Elaboração das autoras com base nas obras de referência do TLPGP⁷/Centro-Oeste.

3.2 Locuções verbais: funcionam como verbos simples, o que permite inclui-las na classe dos verbos.

Quadro 2 - Locuções verbais.

Lema	Significado	Obra
Dar ao João do mato	Deixar uma rês escapar	Nogueira (1989)
Fazer o rodeio	Reunir o gado no pasto	Nogueira (1989)
Guardar o mato/Guardar a cara no mato	Entrar correndo no mato atrás de um animal fujão	Nogueira (1989)
Molhar os olhos	Entrar (o peão) correndo no mato	Corrêa (2001)
Parar rodeio	Encarar o perseguidor, com enfurecimento	Corrêa (2001)
Plantar uma figueira	Cair do cavalo	Nogueira (1989)

Fonte: Elaboração das autoras com base nas obras de referência do TLPGP/Centro-Oeste.

3.3 Locuções adjetivas: cumprem as mesmas funções do adjetivo

Quadro 3 - Locuções adjetivas.

Lema	Significado	Obra
Limpa banco	Dançante (música)	Corrêa (2001)
Queimadô de campo	Mentiroso	Nogueira (1989)
Torado no grosso	Muito bravo	Nogueira (1989)

Fonte: Elaboração das autoras com base nas obras de referência do TLPGP/Centro-Oeste.

Os quadros mostram as informações (lema e significado) tal qual são apresentadas nas três obras consultadas. Quanto às categorias morfológicas, o estudo mostra o predomínio de locuções substantivas e verbais no recorte de dados examinado.

4. Aspectos pantaneiros das locuções investigadas

O Pantanal tem destaque no cenário de dois estados da região Centro-Oeste em razão da biodiversidade de sua fauna e flora, além da atividade econômica da região, predominantemente voltada para a pecuária extensiva e a pesca. Rios, lagoas, corixos, vazantes e baías encarregam-se de

⁷ TLPGP: Tesouro do Léxico Patrimonial Galego Português.

encantar os visitantes com a planície alagada na época das cheias. A locução *bola pé* (“travessia de rios, baías, vazantes e corixos”), por exemplo, recupera essa característica do meio ambiente físico do Pantanal⁸. Beurepaire-Rohan (1889), por exemplo, registra *bolapé* como “nome com o qual se designa um váu, quando o rio está tão cheio que mal o póde atravessar o cavallo sem nadar. Neste caso dizem que o rio está de bolapé. II Etym. Este vocábulo tem a sua origem no castelhano *volapié*”. Também Souza (1961), no verbete *bolapé*, informa ser “termo empregado no Rio Grande do Sul e Paraná para designar o vau de um rio ou arroio que, embora com águas crescidas, estas são ainda insuficientes para que façam nadar o cavalo”. O Dicionário da Real Academia Espanhola registra a locução adverbial *volapié*, dentre outras acepções: “Dicho de pasar un río, una laguna, etc.: Trabajosamente, haciendo unas veces pie en el fondo y otras nadando” (RAE, 2018)⁹.

Pode-se afirmar, portanto, que a cosmovisão do homem pantaneiro é, em boa medida, um reflexo de sua relação com o meio físico em que vive, de modo que a construção de seu universo lexical parece sofrer a influência do meio físico e da realidade a sua volta. Nessa perspectiva, o léxico usado no dia a dia parece construir-se a partir de analogias, que podem ser descritas como nos tópicos seguintes.

4.1 Associação entre animais ou partes da anatomia dos animais e os objetos de uso diário ou meios de transporte

Como se sabe, o Pantanal é um santuário ecológico que compreende uma das maiores diversidades de aves do Brasil. É possível que, devido ao contato diário com esses elementos abundantes na fauna da região, na visão do homem pantaneiro, o avião que, também, possui asas (que não se movem), se assemelha a um pássaro, de tal modo que pode ser designado como *asa dura*¹⁰. Em outras palavras, na visão local, o meio de transporte aéreo remete à forma de um pássaro com as asas estendidas e retesadas na horizontal ao alçar voo. Observe-se que, em um primeiro momento, existe uma relação metonímica do tipo parte-todo (asa/avião ou ave), além de relações metafóricas, em razão da analogia estabelecida entre a forma de um pássaro e a de um avião. Essa relação pode ser reforçada, também, pela capacidade de voar, inerente aos pássaros e aos aviões, possibilitando, assim, a aproximação entre as duas realidades extralinguísticas.

⁸ Essa locução está dicionarizada nessa mesma acepção, mas como palavra única: *bolapé* em Aulete (2014); em Houaiss (2001) e em Michaelis (2018).

⁹ Essa locução está dicionarizada nessa mesma acepção, mas como palavra única: *bolapé*. Em Aulete (2014): “vau, quando um rio apenas dá passagem para os cavalos. F. cast. *Volapié*”; em Houaiss (2001): “baixio de rio cuja profundidade é aproximadamente a altura de um cavalo”; e em Michaelis (2018): “parte menos profunda de um rio que tem aproximadamente a altura de um cavalo”. Nos três dicionários, é classificado como brasileiro do Sul do Brasil.

¹⁰ Houaiss (2001) define a locução *asa dura* como “designação comum a diversos mosquitos hematófagos”.

Ainda dentro dessa perspectiva, observa-se o caso da locução *língua de cobra* para designar o relho, instrumento de uso muito comum no universo da lida com o gado, uma das principais atividades econômicas da região pantaneira. O item lexical relho é definido como “tira de couro torcido, usado para chicotear animais” (AULETE, 2014). Além do relho de couro trançado, existe o relho comum, feito de couro liso, cuja ponta se assemelha à língua de cobra. O nome *língua de cobra*¹¹ para designar o relho comum parece advir dessa relação de semelhança entre o objeto designado e uma das partes físicas do ofídio.

A locução *pé de amigo* também se relaciona ao cotidiano de trabalho do homem pantaneiro. A definição registrada por Corrêa (2001) – imobilização do cavalo – é ampliada na acepção registrada por Aulete (2014) para locução *pé de amigo*: “Peia que prende uma das patas traseiras e as duas dianteiras de um animal, impedindo-o de movimentar-se e de escoicear”, um brasileirismo da região Sul. Trata-se de um recurso utilizado pelo peão para domar o animal. Também Nunes e Nunes (1998, p. 359), no Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul, atribuem acepção similar à locução *pé-de-amigo*:

Sistema de peia do animal cavalari ou muar que consiste em passar-lhe, pelo grosso do pescoço, junto às cruces, um laço, maneador ou outra corda, em que se dá um nó pelo qual corre uma laçada que vai prender um das patas traseiras e levanta-la a um palmo ou dois de altura, deixando o animal apoiado em apenas três pés, o que lhe dificulta os movimentos e o impossibilita de dar coices.

Essa locução, a par de grande parte das demais mencionadas, se reportam ao cotidiano de trabalho do peão pantaneiro, uma figura singular, na economia e no simbolismo impresso a elementos do cotidiano e inscritos na visão de mundo que permeia a sua maneira de ser e de viver.

4.2 Associação entre comportamento animal e o próprio animal

A apropriação de características comportamentais do próprio animal para nomeá-lo ocorre nos itens lexicais estudados. Em um processo que pode ser considerado de natureza metonímica tem-se, como exemplo, o uso da locução *bicho do chão* para designar a cobra. A utilização dessa forma parece basear-se em um dos comportamentos característicos dos ofídios que é o rastejo pelo solo. Usa-se, portanto, o comportamento característico da cobra para designá-la. A exemplo do item lexical *língua*,

¹¹ Houaiss (2001) registra como verbetes 23 locuções formadas a partir do item lexical *língua*, dentre as quais não se enquadra a *língua de cobra*. Há o verboete *língua-de-víbora*, mas sem relação semântica com a locução em pauta: “designação comum aos fetos do gênero *Ophioglossum* da família das *ofioglossáceas*” e como “planta epífita”.

bicho também é muito produtivo como base de locuções substantivas¹². Acresce-se ainda que no Pantanal as unidades lexicais *bicho* e *animal* pertencem a categorias distintas do imaginário popular por isso podem adquirir sentidos diversos a depender da situação de uso, como pode ser observado em relação às categorias “bicho” e “animal”:

Outra característica da classificação pantaneira é que alguns de seus termos podem adquirir sentidos diversos conforme o contexto em que estão empregados. Tal fenômeno pode ser observado com clareza em relação à categoria “bicho”. Num primeiro momento, ela designa a fauna como um todo, em contraste com os vegetais. Numa segunda acepção, de uso não menos corrente, refere-se especificamente aos animais selvagens perigosos, cujo hábitat natural é o mato [...]. De acordo com essa definição, a categoria “bicho” aparece como o contraponto da categoria “animal”, que representa as espécies domésticas, “mansas”, próximas dos homens (BANDUCCI JÚNIOR, 2007, p. 128-129).

Esse tipo de percepção regional dos animais justifica o uso da locução *bicho do chão* como uma denominação do “bicho” cobra.

4.3 Associação entre flora e objetos ou ações

Na locução *canela de ema*¹³, nome atribuído pelos pantaneiros a um tipo de trança usada no afogador do laço – “Emenda que fica próxima à argola do laço, para ajudar na armação da laçada e reforçar o tirão” (CORRÊA, 2001) –, percebe-se a relação analógica entre as características de uma planta considerada típica da flora do cerrado e as características da realidade a ser denominada. Os ramos dessa planta são dicotômicos (em duas pontas), cilíndricos, com bainhas fibrosas, onde se liga ao caule, que é ereto. O final da trança usada no afogador de certos laços também possui duas pontas, o que pode sustentar a escolha do nome *canela de ema* no contexto pantaneiro para designá-la. Note-se que o próprio nome da planta está relacionado com o caule comprido que lembra as pernas da ema, ave semelhante ao avestruz, que vive em áreas campestres e de cerrado. A relação de sentido estabelecida entre o nome da planta *canela de ema* e as características da ave e entre a mesma locução e a parte do laço, instrumento usado na lida com o gado, decorre de uma ressemantização da locução *canela de ema* e nas duas acepções a ela atribuídas fica evidente a relação entre o léxico e o ambiente que, por sua vez,

¹²Aulete (2014) traz, como subentradas no verbete *bicho*, seis locuções formadas com essa unidade léxica, duas substantivas e quatro verbais. Houaiss (2001), por seu turno, registra como entradas 74 locuções substantivas formadas a partir de *bicho*. Entretanto, *bicho do chão* continua sem registro lexicográfico nas obras consultadas.

¹³ “Nome dado a diversas plantas velosíaceas dos gêneros *Vellosia* e *Barbacenia*, de grandes flores ornamentais e caules compridos, que lembram as pernas das emas, originárias da região central do Brasil” (AULETE 2014). Arbusto comum no bioma do Cerrado brasileiro, a *canela de ema* possui flores cujas cores vão do lilás ao branco, com o miolo sempre amarelo.

reflete a simbiose entre homem e natureza, uma particularidade do *modus vivendi* do homem pantaneiro.

Observe-se que a flora está presente, também, no estabelecimento de relações com ações, eventos e qualidades do homem. Nessa perspectiva, têm-se as locuções verbais *plantar uma figueira* para se referir a um evento (cair do cavalo) e *guardar o mato* ou *guardar a cara no mato*, para expressar a ação de entrar correndo na floresta para recuperar um animal fujão. Em *torado no grosso* (muito bravo), pode-se entender a existência de algum tipo de relação com a flora à medida que a locução, em seu sentido literal, remete ao verbo *torar* (cortar a madeira em toros). Igualmente, na locução *carne verde* para nomear a carne que é fresca, o adjetivo *verde* parece remeter ao verde da paisagem na época das chuvas, que produz a sensação de frescor e renovação. Em sentido oposto, *carne sentida*, para referir-se à carne rançosa, pode resultar da alusão à paisagem ressentida pela seca. Por sua vez, a variante *queimadô de campo* (queimador de campo¹⁴) é usada como atributo para a pessoa que falta com a verdade, ou seja, mentiroso, em razão, talvez, do sentido negativo da forma literal. Novamente, o que se percebe em todos esses exemplos é a visão de mundo imbuída de elementos do meio ambiente que circunda o homem pantaneiro (floresta, mata, figueira, pastagens) que se repercute na sua criação lexical para dar nome a fatos relacionados ou não a sua realidade imediata.

Finalmente, outra locução que remete ao meio ambiente que circunda o homem pantaneiro é a locução *molhar os olhos*, em referência à ação do peão de entrar correndo no mato. Visto que essa unidade lexical é altamente opaca, a hipótese inferida neste trabalho é a de que o peão pode entrar correndo no mato para, por exemplo, urinar. Daí, *molhar os olhos* poderia estabelecer uma relação entre a ação de ver e o líquido da urina, subentendido no verbo *molhar*. Seria uma maneira eufemística de dizer *urinar* em um espaço que circunda o homem pantaneiro: o mato.

4.4 Associações com o folclore popular

De acordo com o Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira (s/d), o *João-do-mato*¹⁵ é o símbolo antropomórfico da vegetação que nasce sem ser semeada e deve ser destruída. Nesse rito, os capinadores realizam seu trabalho em mutirão, entoando cantigas alegres ou lamentos da vida diária. O *João-do-mato* aparece no momento em que a capina começa a chegar ao final. É nesse momento em que, com as enxadas levantadas, os capinadores entoam a cantiga de expulsão, fazendo com que o

¹⁴ Locução dicionarizada na mesma acepção, ou seja, “mentiroso, contador de lorotas” (AULETE, 2014); “contador de mentiras, loroteiro, mentiroso” (HOUAISS, 2001), nas duas situações classificada como brasileiro do Sul.

¹⁵ Grafado com hífen na obra consultada. Foram mantidas, neste trabalho, as grafias das unidades léxicas das obras consultadas.

João-do-mato passe entre as enxadas e abandone as terras capinadas em busca de área em que o trabalho do homem não tenha interferido na Natureza. Segundo o *Tesouro*, o rito simboliza o valor da enxada/trabalho sobre o mal/preguiça, mantendo o ciclo da vida como um rito de constante renovação. Talvez seja dessa associação que surja a locução *dar ao João do mato* no sentido de deixar uma rês escapar.

Além das locuções anteriormente analisadas, metaforicamente mais marcadas, existem outras, como *fazer o rodeio* (reunir o gado no pasto) e *parar rodeio* (encarar o perseguidor com fúria) que evidenciam traços de uma cultura pantaneira que tem a lida com o gado como uma de suas atividades mais importantes.

Por fim, a locução *limpa banco*, com função adjetiva no *corpus* analisado, qualifica a música alegre que desperta o desejo de dançar, ou seja, *dançante*. A música é *limpa banco* (dançante) porque tem o poder de animar as pessoas, tirá-las do banco, onde estão sentadas, para dançar.

A locução também remete a diversões populares à medida que nomeia um tipo de dança muito comum em festas folclóricas regionais. Michaelis (2018), por exemplo, no verbete *limpa-banco* remete o consulente para *chimarrita*, unidade lexical classificada como regionalismo de São Paulo e da região Sul, nas seguintes acepções:

Dança e música do fandango brasileiro, proveniente dos Açores e da Madeira (Portugal), em que os pares, alinhados em fileiras opostas, evoluem, afastando-se e aproximando-se, acompanhando a música e cantando; limpa-banco. Toada executada com viola ou violão e que acompanha essa dança.

O *Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira* (s/d) também abriga em seu acervo relacionado a danças populares a denominada *limpa-banco* também com remissão para *chimarrita*. Além das informações registradas pelo lexicógrafo retromencionado, o *Tesouro* acrescenta informações enciclopédicas acerca da forma de execução da dança e o tipo de acompanhamento requerido:

Pode ser rufada (sapateada) ou valsada, quando é dita bailada. Começa com duas fileiras opostas, de que saem os pares para dançar enlaçados, passos de polca ou de valsa. As mulheres não sapateiam. O acompanhamento é feito por violas, ocorrendo eventualmente sanfona, pandeiro, reco-reco e chocalho, com o canto entoado pelo violeiro e acompanhado, no estribilho, pelos dançadores (<http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00001656.htm>).

No caso dessas acepções registradas em repertórios lexicográficos, a locução *limpa banco* pertence à categoria das locuções substantivas.

Considerações finais

Os resultados do estudo aqui apresentados não têm caráter conclusivo, muito pelo contrário! Traduzem uma primeira leitura de um *corpus* formado por uma amostra de dados extraídos de três obras que têm como temática o Pantanal analisado sob olhares distintos. Todavia, a natureza semântica das locuções analisadas e as relações estabelecidas com a realidade a que se reportam deram mostras de que, também no âmbito dos fraseologismos, o léxico traduz a maneira de um grupo social ver e interpretar a realidade que o cerca, ou seja, as formas de percepção desse “cosmos”, organizado segundo “leis” que ordenam e classificam o universo físico-cultural.

As locuções examinadas remetem a fragmentos significativos do universo pantaneiro materializados na forma de nomear referentes do cotidiano da lida do gado, da fauna e da flora, das tradições, de mitos que povoam o imaginário do habitante dessa faixa de território do Centro-Oeste brasileiro. Os habitantes do Pantanal incluem “os habitantes rurais, os pescadores, os ribeirinhos, os peões pantaneiros que possuem experiências práticas e maneiras *sui generis* de convivência e de interação com seus ambientes vivenciais” (NOGUEIRA; ISQUERDO, 2009, p. 105).

As locuções analisadas permitiram um olhar para aspectos bem distintos do ambiente e da cultura pantaneira que, a princípio, podem sugerir um aparente caos. Todavia, se examinadas no seu conjunto e associadas ao ambiente social – construído pelos ambientes físico e cultural –, a que se reportam, ao contrário, apontam para elementos da cultura resgatados por meio de locuções de riqueza expressiva que se harmonizam em um *locus* muito particular que traduz um amálgama homem/língua/cultura/ambiente. Na continuidade do estudo um outro viés que merece ser focalizado diz respeito à questão dos regionalismos, pois o vocabulário relacionado à lida do gado veiculado nos pantanais sul-mato-grossenses, em especial, reproduz grande contingente de regionalismos do Rio Grande do Sul, fato explicável pela história social de uma região que, desde o século XIX, tem recebido grandes contingentes de migrações sulistas¹⁶.

¹⁶ Cf. a respeito desse tema ISQUERDO (2006).

Referências bibliográficas

- ÁLVAREZ, Rosario (coord.). **Tesouro do léxico patrimonial galego e português**. Santiago de Compostela: Instituto da Lengua Galega. Disponível em: <http://ilg.usc.es/Tesouro>. Acesso em 21 mar 2018.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BEAUREPAIRE-ROHAN, Henrique, Visconde de. **Diccionario de vocabulos brasileiros**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1889.
- CASARES, Julio. **Introducción a la lexicografía moderna**. Madrid: C.S.I.C, 1992 [1950].
- CORPAS PASTOR, Gloria. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.
- CORRÊA, Lucelino Rondon. **Glossário Pantaneiro**. Campo Grande/MS: Ed. UNIDERP, 2001.
- COSTA, Maria de Fátima. **História de um país inexistente**. O Pantanal entre os séculos XVI e XVIII. São Paulo/Estação Liberdade: Kosmos, 1999.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1984.
- DICIONÁRIO CALDAS AULETE. **Dicionário Aulete digital**. Lexicon Editora Digital, 2014. Disponível em <<http://www.aulete.com.br>>. Acesso em 20 mar 2018.
- GARCÍA-PAGE, Mario. **Introducción a la fraseología española: estudio de las locuciones**. Barcelona: Anthropos, 2008.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ISQUERDO, Aparecida Negri. Brasileirismos, regionalismos e americanismos: desafios e implicações para a lexicografia brasileira. In: GUEDES, Marymarcia *et al* (Orgs.). **Teoria e análise linguísticas**. Novas trilhas. 1ª ed. Araraquara/SP: Laboratório Editorial FCL/UNESP; São Paulo/SP: Cultura Acadêmica Editora, Série Trilhas Linguísticas, v. 8, 2006, p. 11-29.
- MARQUES, Elizabete Aparecida. Aspectos culturais pantaneiros em fraseologismos sul-mato-grossenses: uma análise da variação fraseológica a partir de dados das obras de referência do TLPGP. Comunicação apresentada durante o **IV Congresso Internacional de Fraseologia e Paremiologia e III Congresso Brasileiro de Fraseologia**, realizado de 21 a 25 de março de 2016, no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE/Unesp), *campus* de São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil.
- MELHORAMENTOS. **Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos Ltda., 2018. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em 28 mar 2018.

- MATEUS, Maria Helena Mira *et al.* **Gramática da língua portuguesa**, 4ª ed. Lisboa: Caminho, 1994.
- MINISTÉRIO DA CULTURA. **Tesouro de folclore e cultura popular brasileira**. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, s/d. Disponível em <<http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00001916.htm>>. Acesso em 15 abr 2018.
- NOGUEIRA, Albana Xavier. **A linguagem do homem pantaneiro**. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 1989.
- NOGUEIRA, Albana Xavier. **Pantanal, homem e cultura**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2002.
- NOGUEIRA, Albana Xavier; ISQUERDO, Aparecida Negri. Língua e ambiente no contexto pantaneiro: a propósito do vocabulário. In: MENEGAZZO, Maria Adélia; BANDUCCI-JÚNIOR, Álvaro (Orgs.). **Travessias e limites**. Escritos sobre identidade e o regional. Campo Grande: Editora da UFMS, 2009, p. 93-106.
- NUNES, Zeno Cardoso; NUNES, Rui Cardoso. **Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul**. 7ª ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1996.
- RAE. **Diccionario de la lengua española**. Madrid: Asociación de Academias de la lengua española, 2018. Disponível em <<http://dle.rae.es/?id=c0fSKpx>>. Acesso em 15 jun 2018.
- RANCHHOD, Elisabete Marques. O lugar das expressões fixas na gramática do português. In: CASTRO, Ivo; DUARTE, Inês. **Razões e emoção**. Vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003, p. 239-254.
- RUIZ GURILLHO, Leonor. Hacia una delimitación de las propiedades fraseológicas. In: RUIZ GURILLHO, Leonor. **Aspectos de fraseología teórica española**. Valencia: Universitat, 1997, p. 85-104.
- RUIZ GURILLHO, Leonor. **Las locuciones en español actual**. Madrid: Arco/Libros, 2001.
- SANTOS, António Nogueira. **Novos dicionários de expressões idiomáticas**. Lisboa: João Sá da Costa, 1990.
- SILVA, João dos Santos Vila da; ABDON, Myrian de Moura. Delimitação do Pantanal Brasileiro e suas sub-regiões. **Pesquisa Agropecuária Brasileira**. Brasília/DF: EMBRAPA, v. 33, p. 1675-1813, 1998.
- SOUZA, Bernardino de Souza. **Dicionário da Terra e da Gente do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.
- STREHLER, René Gottlieb. Fraseologismos e sinonímia. **Trabalhos em Lingüística Aplicada**, v. 42, p. 145-156, 2003.

- VALE, Oto Araújo. **Expressões cristalizadas do português do Brasil**: uma proposta de tipologia. 2002. 213 f. Tese (Doutorado em Letras. Lingüística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2002.
- ZULUAGA, Alberto. **Introducción al estudio de las expresiones fijas**. Tübingen: Max Hueber, Verlag, 1980.